

THUN, Harald; JACQUET, María da Gloria Pereira; HARDER, Andreas; MACHUCA, Martín Ramírez; PEEMÖLLER, Johanne. *Atlas lingüístico Guaraní-Románico: Sociología (ALGR-S). Tomo I: Comentarios.* Kiel: Westensee-Verl., 2002. (Dialectologia pluridimensionalis Romanica; 2)

THUN, Harald; JACQUET, María da Gloria Pereira; HARDER, Andreas; MACHUCA, Martín Ramírez; PEEMÖLLER, Johanne. *Atlas lingüístico Guaraní-Románico: Sociología (ALGR-S). Tomo II: Mapas.* Kiel: Westensee-Verl., 2002. (Dialectologia pluridimensionalis Romanica; 2)

Plurilinguismo na escola e na sociedade em uma perspectiva macrolinguística

Cléo Vilson Altenhofen¹

Nos últimos dez anos, desde os debates em torno do Seminário sobre a Criação do Livro das Línguas, promovido pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 2006, tem crescido no Brasil, no âmbito do registro do patrimônio cultural imaterial, o interesse pela “diversidade linguística”, que, em 2010, vale destacar, culminou com a assinatura do decreto nº 7.387, que instituiu o “Inventário Nacional da Diversidade Linguística”. Sob o rótulo da designação geral de *diversidade linguística*, foram-se “alinhando nas frentes de discussão” diferentes facetas do multilinguismo, isto é, da coexistência de línguas lado a lado na sociedade, e, de outro lado, do plurilinguismo, ou seja, da competência em mais de uma língua por um mesmo indivíduo. Esse processo se deu com tal determinação e ímpeto que muitas vezes se chegou a confundir a noção de “diversidade linguística” (de línguas) com a de “variação linguística” (inerente às línguas e variedades).

O *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico: Sociología* (ALGR-S), como se pode ver na data de sua publicação, 2002, antecede esses movimentos não apenas temporalmente, mas também em termos de sua contribuição teórico-metodológica e empírica. Nosso país vizinho, o Paraguai, já bem antes, com a Constituição de 1992, lança-se ao reconhecimento do guarani como língua oficial dos paraguaios, ao lado do castelhano, e tem com isso diante de si o desafio do ensino da língua guarani e de todas as implicações que acompanham esse tipo de iniciativa (elaboração de materiais, definição e difusão da escrita da língua [minoritária], formação de professores etc.). O ALGR-S surgiu, assim, nesse contexto, para subsidiar essa política. Sua elaboração resultou de um acordo de cooperação entre o Ministerio de Educación y Cultura, do Paraguai, com o Instituto de Romanística, da Christian-Albrechts-Universität de Kiel, onde Harald Thun iniciava, em parceria com Wolf Dietrich e Almidio Aquino, o atlas linguístico propriamente dito, o ALGR, o segundo atlas de sua “trilogia rio-platense”, da qual também fazem parte o ADDU (Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay) e o ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch).

¹ Doutor em Germanística pela Johannes Gutenberg-Universität Mainz; Professor do Departamento de Línguas Modernas, área de Língua Alemã, e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, linha de pesquisa de Sociolinguística.

O ALGR-S divide-se em um volume de comentários e outro, de mapas. Os comentários reúnem uma série de depoimentos dos falantes, na variedade original (real) em guarani yopará, os quais vêm acompanhados de uma tradução para “un español rio-platense” que, no dizer dos autores, “no oculta sus raíces paraguayas y que respeta el nivel estilístico del original” (ALGR-S: Comentarios, p. 21). A transcrição das falas em guarani, por sua vez, segue a ortografia sugerida por Natalia Krivoshein de Canese e Feliciano Acosta Alcaraz (1997), *Ñe’ëryru avañe’ë-karaiñe’ë karaiñe’ë-avañe’ë. Diccionario guaraní-español / español-guaraní*, Asunción. Tem-se, assim, uma amostra de dados bastante fiel ao modo “como lo hablan los paraguayos”, portanto um *corpus* impresso de valor inestimável para uma série de outros estudos que se queira realizar, não apenas sobre os tópicos abordados (ênfase no conteúdo), mas também sobre a forma de uso da língua.

Em termos da natureza dos dados e dos objetivos, o ALGR-S pertence à categoria dos atlas sociolinguísticos e, como indica seu nome, também integra a categoria dos atlas de sociologia das línguas, conforme se afirma na introdução. Até onde se tem conhecimento, o ALGR é o primeiro do gênero, na história da linguística e da sociolinguística, que se ocupa com uma língua de origem indígena. Pode-se elencar, no entanto, uma série de outras virtudes que tornam o ALGR um marco inovador: a amplitude da área em estudo (transnacional); a inclusão de diferentes dimensões sociais sobre a base diatópica, ou seja, seu caráter pluridimensional; a consideração dos contatos linguísticos e das percepções dos fatos linguísticos pelos falantes (dimensões dialingual e diarreferencial); a consideração da topodinâmica da variação linguística (das línguas em movimento no espaço, isto é, das migrações); enfim, o tratamento interdisciplinar, por força de tudo isso.

Apesar destas qualidades e da relevância do tema central – variação e uso do guarani no contato com o espanhol –, causa, por outro lado, surpresa que estudos como o ALGR sejam tão pouco conhecidos da linguística brasileira, ou ao menos não tomados na devida medida do que podemos aprender da situação de plurilinguismo no Paraguai. Esse plurilinguismo inclui não apenas a relação entre o guarani e o castelhano, mas também uma série de outras línguas, entre as quais se encontram línguas indígenas e variedades imigradas do Brasil para essa área, como o português e o Hunsrückisch. Como pude constatar nas minhas viagens de pesquisa para o ALMA-H, o Paraguai constitui um verdadeiro laboratório social para o estudo do plurilinguismo. Foi lá que encontramos, Harald Thun e eu, entre os assim chamados “brasiguaios”, hunsriqueanos hexalíngues: falantes fluentes das línguas de origem trazidas do Brasil, português e hunsriqueano; das línguas oficiais do país que os acolheu, espanhol e guarani; e, por fim, também das línguas aprendidas no contato com seus “novos padrões” menonitas, após uma migração interna à região do Chaco, onde adicionaram ao seu repertório a norma culta do alemão e a variedade Plautdietsch, do baixo alemão. O ALGR-S busca registrar também esse tipo de complexidade, quando pergunta por outras línguas faladas ao lado do guarani e do castelhano. Os mapas 93 a 96 apresentam um panorama dos conhecimentos de português dos entrevistados. Por sua vez, o mapa 97 identifica os pontos em que o português é usado como língua local de imigração.

Há, na elaboração do ALGR-S, contudo, também uma virtude político-linguística que não se pode perder de vista. Ao perguntar aos falantes de guarani, em guarani, sua percepção sobre a “enseñanza bilíngüe”, do guarani e do castelhano, lado a lado nas escolas do Paraguai;

ao perguntar sobre o tipo de guarani a ser ensinado, se o *yopará* – o “guaraní mezclado” falado pela grande maioria dos paraguaios – ou o *guaraniete* – o “guaraní puro” ensinado na escola –; ao perguntar sobre os usos do guarani e do castelhano em relações de proximidade e de distância, no âmbito privado ou público; ao perguntar sobre os modos de aquisição bilíngue, bem como seu significado para a identidade e futuro dos paraguaios; enfim, ao perguntar, o ALGR-S materializa uma condição que tenho reclamado como sendo fundamental para uma política linguística *in vivo* efetiva voltada às línguas minoritárias e ao plurilinguismo: de que, antes de tudo, é preciso “dar ouvidos” à comunidade de falantes e às línguas minoritárias (cf. ALTENHOFEN, 2013). Isso se dá nos dois sentidos da expressão: primeiro, no sentido literal de ouvir, prestar atenção e observar o que é dito e como é dito; e segundo, no sentido de considerar, reconhecer, conferir valor e significado ao que é dito e como é dito pelos falantes.

O ALGR-S, como estudo científico, dá ouvidos antes de tudo no sentido da observação dos fatos vistos na perspectiva êmica, dos falantes. Neste sentido, a amostragem de dados coletados é representativa de todo o território do Paraguai e se estende, inclusive, para além de suas fronteiras. Ao todo, foram entrevistados – ouvidos! – cerca de 900 informantes, de 44 localidades de pesquisa espalhadas por todo o Paraguai e também em parte da Província de Corrientes, Argentina, e inclusive em pontos do Brasil. Em cada localidade, foram realizadas até quatro entrevistas com quatro grupos socioculturalmente distintos, conforme a idade e a escolaridade. Com isso, têm-se os mesmos parâmetros dos demais atlas linguísticos pluridimensionais da trilogia de Thun, a saber, na dimensão diageracional, GI = geração dos jovens (entre 18 e 40 anos) e GII = geração dos velhos (acima de 50 anos), e, na dimensão diastrática, Ca = classe alta e Cb = classe baixa. Soma-se a estas dimensões a análise da variação diassexual, ou seja, do comportamento linguístico variável de homens e mulheres.

Tanto nas estatísticas que acompanham os comentários, quanto nos mapas ponto-símbolo, os resultados de cada um desses parâmetros (geração, classe sócio-cultural, sexo) são inscritos em um esquema em forma de cruz, em que se podem comparar os dados da Ca (parte superior dessa cruz) com os da Cb (na parte inferior), bem como da GII (à esquerda) com a GI (à direita). Esse esquema de análise permite ao usuário do atlas fazer os cruzamentos de dados e de parâmetros que se mostrarem relevantes. Seguindo o eixo do tempo, pode-se observar, por exemplo, na comparação entre GII e GI, quando uma mudança está em progresso ou a língua mostra certa estabilidade. Através dos mapas, por outro lado, controlam-se adicionalmente o alcance e distribuição de determinada tendência na área global do estudo, isto é, buscam-se realizar macrossínteses que permitam ter uma ideia sobre onde e em que medida ocorre um determinado comportamento ou variante. Ao lado dos mapas ponto-símbolo, apresentam-se para isso também mapas do tipo fenotípico (que resumem a ocorrência de um “fenômeno” linguístico) e de tipo poligônico (que projetam gradações de distribuição de um comportamento linguístico pelo conjunto da área, preenchendo também os vazios entre os pontos em particular).

Como se pode deduzir do conjunto da obra de H. Thun, esse formato de análise estatística e de cartografia dos dados busca não apenas garantir uma base de comparação entre diferentes estudos, como também e sobretudo comprovar os postulados básicos da dialetologia pluridimensional e relacional, que teve no Simpósio de Heidelberg e Mainz, em

1991, sobre os “Novos Caminhos da Geolinguística Românica”, um impulso significativo. Nesse simpósio, realizado em meio à crise interna da disciplina, Radtke & Thun (1996) propuseram uma autocrítica “extremamente salutar” que outras dialetologias e sociolinguísticas, por exemplo da área germanística, aparentemente não tiveram. As contribuições desse simpósio, publicadas por Radtke & Thun em 1996, constituem o primeiro volume da série *Dialectologia Pluridimensionales Romanica*; o ALGR-S aparece, na sequência, como número 2, mas já conta com dois novos volumes do ALGR, relativos ao léxico do corpo humano (nº 11, em 2009) e do parentesco (nº 15, em 2015).

A dialetologia pluridimensional de Thun parece, na verdade, não encontrar limites para sua “curiosidade científica”. Ela reflete, ademais, a busca por completude, evocada por exemplo por um Alexander von Humboldt. Como sugere a rede de pontos do ALGR-S, repetindo o que aliás ocorre também no ADDU e no ALMA-H, os limites linguísticos não coincidem efetivamente com os limites políticos. No caso do guarani, assim como com o português do Uruguai e o hunsriqueano, o objeto de estudo transcende aos limites de um país, pois existe aqui e acolá. Essa situação, observada em muitas partes do mundo, sugere que as línguas, tal como as plantas e fenômenos da natureza observados por Alexander von Humboldt, são parte de um *cosmos* linguístico e, com isso, produtos da engenhosidade humana, conectados entre si, fora e para além das fronteiras e dos rótulos nacionais. Daí a relevância de se incluir línguas e estudos como o do ALGR na pauta da pesquisa linguística no Brasil, tanto quanto no sentido inverso, de uma tese ou inventário sobre o guarani-mbyá, desenvolvido em uma aldeia indígena do Brasil.

Há, nos depoimentos recolhidos pelo ALGR-S, percepções e padrões de uso da língua que se encontram em diversos outros contextos de plurilinguismo e de contatos linguísticos, presentes no Brasil. Por isso, sua relevância se estende também para a compreensão da dinâmica sociolinguística de contextos como os representados por municípios brasileiros que cooficializaram uma língua indígena ou de imigração. O guarani mbyá e o talian são dois desses exemplos de línguas adicionalmente reconhecidas como “referência cultural brasileira”, após se fazer seu inventário. A diferença é que, nesses municípios, essas línguas assumem significado local; no Paraguai, são uma questão que diz respeito à identidade de todo um país.

Entre as diferentes percepções e posições levantadas nas entrevistas do ALGR-S, encontram-se afirmações comuns a diversos contextos minoritários. Cite-se o receio expresso pelos falantes de que o plurilinguismo “pode confundir as línguas” ou, por outro lado, a atitude bastante comum de rechaçar “que se mezcle las lenguas”, ou ainda a visão aparentemente contraditória de que a língua minoritária, que em princípio é sua língua materna, é mais difícil, ou que a língua dominante é impreterivelmente mais fácil. Essas diferentes posições refletidas nas atitudes linguísticas dos informantes do ALGR-S refletem muitas vezes contradições decorrentes da própria instabilidade social das duas línguas em contato. Daí, a relevância em quantificar os diferentes tipos de resposta, conforme os grupos socioculturais entrevistados, bem como também de cartografar sua distribuição no conjunto da área em estudo. É o que o ALGR-S, em seus dois volumes, de comentários e de mapas, seguidos de outros volumes do ALGR que se detêm exclusivamente na variação linguística, especialmente lexical, nos oferece de forma densa e aprofundada.

É preciso, por fim, acrescentar uma ruptura de limites que Ratdke & Thun (1996) já colocam em evidência e que obriga a dialetologia a adequar seus métodos às mudanças observadas na sociedade. Ao menos na macroárea da Bacia do Prata, onde se concentram os grandes projetos de H. Thun, indivíduos monolíngues – com repertório linguístico totalmente monolíngue e monovarietal, isentos de qualquer contato com outras variedades – são antes a exceção do que a regra. Também não se encontra mais com facilidade o tipo tradicional de indivíduo fixo, sem mobilidade geográfica. Disso decorre que “uma ciência ampla da variação e da diversidade linguística” não pode se esquivar das migrações e dos contatos linguísticos, visto que são uma marca indissociável do mundo atual sul-americano. Os informantes do ALGR-S são a prova disso.

Referências

ALTENHOFEN, Cléo V. *Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil*. In: NICOLAIDES, Christine et al. (orgs.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 93-116.

RADTKE, Edgar & THUN, Harald (Eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. 648 p. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.)

THUN, Harald. *O Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR). Um trabalho necessário para atualizar informações lingüísticas sobre o guarani e o espanhol do Paraguai*. Trad. Cléo V. Altenhofen. In: *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 5, p. 53-66, jan. 1999.

THUN, Harald. *O português americano fora do Brasil*. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine & SCHÖNBERGER, Axel (Eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt a M. : TFM, 2000. p. 185-227.

THUN, Harald; AQUINO, Almidio; DIETRICH, Wolf; SYMEONIDIS, Haralambos. *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR). Tomo I: Léxico del cuerpo humano*. Kiel: Westensee, 2009. (Dialectologia pluridimensionalis Romanica; 11)

THUN, Harald; DIETRICH, Wolf; SYMEONIDIS, Haralambos. *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR). Tomo II: Léxico del parentesco*. Kiel: Westensee, 2015. (Dialectologia pluridimensionalis Romanica; 16)